

XIII Jornadas de Investigación y Segundo Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2006.

# **Educação da sensibilidade: iniciação na linguagem plástica artística e apreciação da arte.**

Nogueira, Ana Carmen.

Cita:

Nogueira, Ana Carmen (2006). *Educação da sensibilidade: iniciação na linguagem plástica artística e apreciação da arte*. XIII Jornadas de Investigación y Segundo Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-039/37>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/e4go/MCS>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# EDUCAÇÃO DA SENSIBILIDADE: INICIAÇÃO NA LINGUAGEM PLÁSTICA ARTÍSTICA E APRECIÇÃO DA ARTE

Nogueira, Ana Carmen  
UNIFIEO. Brasil

## RESUMEN

A presente pesquisa trabalha com a possibilidade do fazer desenho e do fazer artístico com pessoas cegas. Partimos do entendimento do espaço tridimensional para o espaço bidimensional e trabalhamos com o desenvolvimento da percepção do espaço pictórico. Explicamos como são efetuados esses desenhos e quais são as vantagens emocionais do fazer arte na forma de desenhos em relevo. Tratamos de dar oportunidade de expressar representações de objetos conhecidos ou imaginados, desenvolvendo e manifestando, assim, habilidades artísticas e de criação. Além disso, introduzimos o deficiente visual no universo das artes, através de reproduções táteis de algumas obras e estudo de desenho destas obras, enquanto estudamos o espaço e a percepção espacial.

## Palabras clave

Artes Cego Desenho Percepção

## ABSTRACT

EDUCATION OF THE SENSIBILITY: INITIATION IN THE ARTISTIC PLASTIC LANGUAGE AND APPRECIATION OF THE ART

The present research works with the possibility of the do drawing and the do artistic with blind people. We left from the understanding of the three-dimensional space for the two-dimensional space and we worked with the development of the perception of the pictorial space. We explained how those drawings are made and which are the emotional advantages of doing art in the form of drawings in relief. We treated to give opportunity to express representations of known objects or imagined, developing and manifesting, like this, artistic abilities and of creation. Besides that, we introduced the visual impaired in the universe of the arts, through tactile reproductions of some works and study of drawing of these works, while we studied the space and the space perception.

## Key words

Arts Blind Drawing Perception

## I - O INDIVÍDUO VIDENTE E O QUE NÃO PODE VER.

Através de nosso sistema visual podemos conhecer o mundo por uma grande variedade de estímulos que experimentamos quase que ao mesmo tempo.

A criança cega tem oportunidade, desde muito pequena, a experiência com giz de cera, lápis de cor etc., para desenhar. Fotos, figuras e desenhos lhes são apresentados em livros infantis, jornais, revistas, entre outros materiais, que os pais usam para a estimulação dessas crianças, seja lúdica ou educacionalmente. O mesmo não ocorre com as crianças cegas. O desenho é tido como inacessível para os cegos.

Em muitas ocasiões um indivíduo vidente diante de um quadro pode ter alguma dificuldade de decodificar suas representações, o que pode significar que o observador não tem conhecimento ou familiaridade com aquele tipo de código expresso na obra de arte.

Quando cegos congênitos, examinam atentamente um desenho, e não conseguem compreender o que está sendo passado, não quer dizer que o sistema tátil não seja capaz de reconhecer figuras bidimensionais que podem ser sentidas pelo tato, e nem que o cego congênito não esteja apto a entender essas figuras, por não ter experiência visual prévia. Este acontecimento apenas nos sugere que os cegos congênitos, por não estarem acostumados a observar padrões bidimensionais, teriam um banco de memória pictográfica menor que dos cegos adventícios, os quais detêm um maior registro dessas configurações na memória. Ele pode não ter um bom desempenho, mas isso não significa que não tenha o potencial para desenvolver e desempenhá-la com excelência. O que ocorre com o cego é que não lhe foi propiciada estimulação suficiente e adequada a sua capacidade de produzir desenhos, nem mesmo lhe foi dada a oportunidade de observar uma quantidade de desenhos que lhe permita criar um banco de memória de imagens.

Cegos, são aqueles indivíduos que apresentam "desde a ausência total de visão até a perda da projeção de luz" e que necessitam de outros sentidos (tato, olfato, audição e paladar), para o processo de aprendizagem necessitam do Sistema Braille para a comunicação (leitura e escrita) e da bengala longa (Hoover), para a locomoção com segurança. Os cegos compreendem as pessoas que não têm nenhum resíduo visual ou que, tendo-o, apenas lhe possibilita orientar-se em direção à luz, perceber volumes, cores e ler grandes títulos, mas não permite o uso habitual da leitura / escrita.

O déficit visual traduz-se numa redução da quantidade de informação que o indivíduo recebe do meio ambiente, restringindo a grande quantidade de dados que este oferece e que são de tanta importância para a construção do conhecimento sobre o mundo exterior. Conseqüentemente, o deficiente visual pode ter (dependendo da gravidade do déficit) um conhecimento restrito do que o rodeia.

A idade em que o indivíduo cegou indicará se ele possui memória visual e se tem conhecimento das cores. De um modo geral, pode dizer-se que indivíduos que cegaram antes dos cinco anos de idade não têm memória visual. Os que cegaram mais tarde podem reter imagens visuais das suas experiências.

## II - A ARTE TERAPIA E O DEFICIENTE VISUAL: NOSSA EXPERIÊNCIA DE CAMINHO PARA A INCLUSÃO.

Com formação em arte-educação fiz especialização em Edu-

cação para Deficientes Visuais e iniciei meu trabalho junto a esse público em 2004. No mesmo ano fiz curso de extensão no Ensino da Arte na Educação Especial e Inclusiva, realizado pelo Programa Educativo Públicos Especiais da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Atualmente estou cursando especialização em Arte Terapia na UNIFIEO e lecionando artes para DV no Projeto Acesso.

Quando falamos em trabalhos de arte junto ao DV, e mais particularmente aos trabalhos de desenhos, encontramos grande resistência por parte dos leigos em aceitar tal possibilidade.

Pesquisas realizadas tem demonstrado que pessoas deficientes visuais, mesmo sendo cegas congênitas podem desenvolver habilidades pictóricas, como bem demonstrou o psicólogo canadense J.M.Kennedy em seu livro *Drawing and the blind*, 1993.

Elisabeth Salzhauer Axel, arte-educadora americana, fundadora do Art Education for the Blind, desenvolve um interessante e rico trabalho de acessibilidade da arte aos deficientes visuais através de programas educacionais com métodos multisensoriais com o toque e sons.

## II.1 - Caso 1

Nossos alunos, duas jovens cegas, de 15 e 19 anos.

Marcela de 15 anos cega desde do nascimento ainda está iniciando o seu processo de independência em Orientação e Mobilidade, desde cedo lhe foi propiciado atividades diferenciadas para que pudesse vivenciar novas experiências e reforçar seu aprendizado. Possui grande interesse pela música em especial pelo canto. Gabriela de 19 anos, cega desde os 4 anos de idade, possui algum resíduo de memória visual e desde pequena tem interesse em desenho, demonstrando uma melhor habilidade com o espaço pictórico da folha de papel, já é uma pessoa independente e se desloca sozinha, com grande facilidade pelas ruas da cidade de São Paulo.

Iniciamos nosso trabalho na busca da compreensão e percepção do espaço, além de desenvolver um vocabulário pictórico. Em 2004, começamos trabalhando o tridimensional. Foram desenvolvidas várias técnicas de massas como papel maché, massa de farinha, argila.

Trabalhamos o tridimensional, buscando reproduzir, inicialmente, formas geométricas conhecidas, depois figuras humanas e da natureza.

A partir desse ano iniciamos o trabalho com expressões bidimensionais. Com desenho estamos mesclando informações sobre grandes obras e artistas, com o intuito de trazer um pouco da riqueza da cultura universal para o mundo do deficiente visual. Acreditamos que o uso do desenho e do fazer artístico, vence limites sociais e pode fazer com que deficientes visuais e videntes compartilhem idéias, imagens, conhecimento de si e do outro e suas visões de mundo. Trabalhamos com lápis sobre superfície rugosa para dar oportunidade de sentir o traçado. Fizemos alguns desenhos de observação e compreensão do meio bidimensional. Fizemos trabalhos com desenho de contorno com o auxílio de objetos de sala de aula. Comparamos esses contornos e discutimos sobre como essa peça representada deve ser vista. Como ela está representada no bidimensional, qual o lado da figura tridimensional é visto e passado para o bidimensional.

Notamos então algumas dificuldades de compreensão e percepção do espaço bidimensional e partimos para a pesquisa do espaço do pictórico do papel.

Como bem ensina a artista e arte-educadora Fayga Ostrower (Universos da Arte, 1983, pág. 30):

"Descobrir o espaço e descobrir-se nele representa para cada indivíduo uma experiência a um só tempo pessoal e universal".

"...a percepção do espaço não é restrita a individualidade e nem mesmo a certas culturas. Através de nossa sensação de estarmos contidos num espaço e de o contermos dentro de nós, de o ocuparmos e o transpormos, de nele nos desequili-

bramos e reequilibrarmos para viver, o espaço é vivência básica para todos os seres humanos".

Baseado na experiência do curso de princípios básicos e de análise crítica de Ostrower junto a um grupo de trabalhadores de uma gráfica, muito bem exposto em seu livro *Universos da Arte*, começamos a trilhar os caminhos do espaço e da expressão, o conhecimento das linhas e suas capacidades expressivas.

Sabemos que

a Teoria da Gestalt afirma que não se pode ter conhecimento do todo através das partes, e sim das partes através do todo. Que os conjuntos possuem leis próprias e estas regem seus elementos (e não o contrário, como se pensava antes). E que só através da percepção da totalidade é que o cérebro pode de fato perceber, decodificar e assimilar uma imagem ou um conceito[1].

Na Arte figurativa, em geral, a preocupação na organização e disposição dos elementos utiliza-se dos mesmos estudados pela Gestalt. Em *Arte e Percepção Visual*, Rudolf Arnheim, trabalha com o pensamento psicológico e experimentos vindos da teoria da Gestalt. O fenômeno da percepção é explicado na Gestalt através da decomposição e imediata recomposição das partes em relação ao todo.

*Uma imagem é capaz de ter a mesma eloquência que um discurso falado ou mesmo que um livro.*[2]

Como bem disse Rudolf Arnheim (1980, introdução) "Toda a percepção é também pensamento, todo o raciocínio é também intuição, toda a observação é também invenção."

O cego ao "ler" uma imagem através do tato, faz uma leitura fragmentada do todo, e necessita de uma elaboração maior para transformar estas partes em um todo.

O trabalho com linhas tinha como interesse mostrar a sua interferência no espaço e conseqüentemente a divisão desse espaço criando novas formas dentro da folha de papel que eram delimitados por aquelas linhas.

Estudamos a estrutura oculta existente em uma folha de papel. "Ver" algo significa em determinar um lugar no todo: uma localização no espaço, uma posição na escala de tamanho, clareza e distância. Por motivos óbvios, descartamos a clareza e trabalhamos as outras observações.

Como nos ensina Fayga Ostrower (1983, pág.38):

"...as *margens* do plano *estabilizam* o movimento visual. Elas ocorrem em *duas direções*, na vertical e na horizontal. Essas direções têm para nós um sentido bastante específico: a *horizontal* é percebida, antes de tudo, como posição deitada, dando idéia de sono, repouso, morte, calma, sempre uma idéia de imobilidade e ausência de movimento. Por isso, a horizontal é considerada uma direção *estática*. A *vertical*, posição em pé, corresponde à postura típica humana. Também é considerada *estática*, pois indica um certo grau de imobilidade, embora bem menos do que a horizontal. Estar em pé significa uma posição que todo o momento tende a instabilizar-se, pois ao darmos um passo à frente abandonamos a vertical e entramos na diagonalidade, para podermos daí atingir novo equilíbrio, novamente na vertical."

"Por divergirem de horizontais e verticais, todas as outras direções, *diagonais, curvas e espirais*, são consideradas *dinâmicas*, potencialmente instáveis e carregadas de maior movimento visual."

"Assim, agindo sempre em conjunto, as margens verticais e horizontais, além de delimitarem um plano, também funcionam como estabilizadoras, contendo a movimentação visual dentro do plano."

Notamos com clareza que devido ao desenvolvimento de cada uma, o desenho de uma forma e sua colocação no espaço era mais fácil para Gabriela que já tem desenvoltura espacial maior do que Marcela que está no início da OM.

Gabriela desde as primeiras aulas já demonstrou ter algumas

imagens decodificadas para o meio bidimensional, conseguindo fazer alguns desenhos como uma flor, um anjo, nuvens, e colocá-los no papel de maneira organizada sem sobrepô-los. Também já possuía habilidade no segurar o lápis e acompanhar com a outra mão seu traçado.

Marcela se apresentou bastante interessada em desenho como uma forma de poder se relacionar com as outras pessoas, em especial com seus colegas de escola. Não tinha habilidade em segurar o lápis e por ter hipotonia nas mãos tornava mais difícil sua destreza no traçado das linhas. Graças a Gabriela, pode compreender melhor como segurar o lápis e como acompanhar com a outra mão o desenho que estava fazendo. Apresentou maior dificuldade de compreensão espacial e como tornar um todo partes fragmentadas do desenho que explorava.

### III - CONCLUSÃO

O trabalho de exploração do espaço pictórico foi e está sendo muito rico por estarmos trabalhando com noções espaciais, e estarmos descobrindo juntas a lógica do proceder artístico, além de vivenciarmos o fazer. Através da prática do fazer estamos conseguindo entender como a estrutura formal afeta o conteúdo expressivo, e nos estudos das obras de arte dos grandes artistas junto com as reproduções em relevo em alumínio estamos dando uma idéia da complexidade da arte, de sua riqueza espiritual e da multiplicidade de níveis e significados sempre renováveis.

Vemos que todas as formas de espaço enchem-se de conteúdos expressivos, existenciais, que se elaboram espontaneamente a partir de experiência das mais elementares em nosso ser e nosso autoconhecimento.

Ainda estamos no início de uma longa e rica experiência, mas já podemos notar o desenvolvimento no desenho de cada uma, e da sua compreensão espacial. Além disso, o fato de se compreender a forma e o significado e a concepção do artista é um instrumento de vida, um instrumento de entendermos quem somos e onde estamos.

---

### BIBLIOGRAFIA

#### LIVROS

OSTROWER, Fayga Perla. Universos da Arte - Rio de Janeiro - Editora Campus, 1983.

ARNHEIM, Rudolf. Arte Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora: nova versão - São Paulo - Editora da Universidade de São Paulo, 1980

KENNEDY, John Miller. Art and the blind: pictures to touch - Yale University-press New Haven And London, 1993

#### TESES

BALLESTERO-ALVAREZ José Alfonso. Multissensorialidade no ensino de desenho a cegos. 2003. 120 f. Tese de Mestrado do curso de Pós-Graduação em Artes - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

#### INTERNET

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA CEGA. Traduzido de: Lowenfeld, B., Our blind children: growing and learning with them - Springfield, Illinois: Charles C. Thomas, 1971, Capit. X). <http://www.drec.min-edu.pt/nadv/txt-principios.htm> > disponível em 14 de agosto de 2003.

NIELSEN, Lili. As mãos compreendem. <http://www.drec.min-edu.pt/nadv/txt-maoscompreendem.htm>> disponível em 05 de maio de 2004.

Art Beyond Sight: A Resource Guide to Art, Creativity, and Visual Impairment. <http://www.artbeyondsight.org/artedfactsheet.shtml>> disponível em 19 de fevereiro de 2004.

ERIKSSON Yvonne. 65th IFLA Council and General Conference. How to make tactile pictures understandable to the blind reader. Bangkok, Thailand, August 20 - August 28, 1999. The Swedish Library of Talking Books and Braille. <http://www.ifla.org/IV/ifla65/65ye-e.htm>> disponível em 14 de abril de 2004.

PAMPERIM, Martha. Tactual Art {Draft} <http://www.tsbvi.edu/Education/tactual.htm>> disponível em 19 de fevereiro de 2004.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gestalt>

### NOTAS

[1] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gestalt>; Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

[2] Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.